



Comunicado

Para: Redacção
Data: 24 de Setembro de 2018
Assunto: Lançamento de Obra de Jorge Ferrão

Lançada obra sobre mamíferos de Moçambique

Maputo, 24 de Setembro de 2018 – Foi lançada, na passada sexta-feira, dia 21, no auditório do BCI, em Maputo, a obra ‘Mamíferos: uma selecção da nossa fauna’ da autoria de Jorge Ferrão, actual Reitor da Universidade Pedagógica. O livro possui grande profusão de imagens e, nas suas 128 páginas, aborda detalhadamente vários aspectos da vida de 45 mamíferos que povoam o nosso território, apesar de alguns deles, como são os casos do rinoceronte e da chita, já se encontrarem extintos em Moçambique, facto ao qual, aliás, o autor faz referência.

O Presidente da Comissão Executiva do BCI, Paulo Sousa, o primeiro a tomar a palavra, destacou o eclectismo do Professor Ferrão “abrangendo campos tão díspares desde a Agricultura, História, Geografia, passando pelas Relações Internacionais e Políticas, até ao Desenvolvimento Sustentável e à Biodiversidade.” Paulo Sousa realçou ainda o facto da “linguagem simples, desprovida de termos científicos que o leigo não consegue decifrar.” A terminar garantiu que o livro será colocado em lugar de destaque na rede de Mediatecas do BCI, hoje com quatro polos (Maputo, Beira, Nampula e Ilha de Moçambique).

Para o escritor e biólogo Mia Couto, “nós aprendemos a ser pessoas através dos bichos, dos animais. Uma grande parte dos nossos valores humanos, morais, nascem quando nos contam histórias e em todo o mundo as histórias de infância são muito fundadas nos animais. Os valores positivos chegam-nos através da história de um coelho, de um cágado, de uma tartaruga, ou de uma jibóia, no caso da cultura moçambicana. Os animais ajudam-nos a construir a nossa própria humanidade. Muitos dizem que a riqueza de Moçambique está no carvão, no gás, no petróleo, mas a riqueza de Moçambique está na vida e esta palavra é Biodiversidade que quer dizer vida.”

Cornélio Ntumi, professor do Departamento de Biologia da Universidade Eduardo Mondlane e apresentador da obra, realçou o facto de a obra estar escrita numa linguagem acessível a todos. No seu entender, outra particularidade da obra “é a sua escala geográfica nacional.



Este tipo de livros é feito normalmente na África de Sul, e é vulgar chegar ao Save e ficar por aí. Outro mercado é o Quênia. Aqui vão até ao Rovuma e ficam por aí. Do rio Save ao Rovuma é como se não existisse nada. Com esta obra, pela primeira vez são ultrapassados esses limites.”

Por fim, o autor deixou umas notas para reflexão. Chamou a atenção para a necessidade de se terminar com a perpetuação do erro em relação à designação dos animais. “A administração colonial, não conhecendo a fauna que tinha em mãos, pegou em nomes portugueses e tentou adaptá-los aos moçambicanos. Os nativos, naturalmente, usavam nomes locais. E foi um pouco nesta senda que eles começaram a tratar o cabrito do mato por gazela. O nosso ecossistema não tem gazelas mas todos nós falamos de gazela, da forma mais natural. Estamos a perpetuar um erro por várias gerações. Javali não há em África. É um bicho da Europa. Aqui há facocheros. Por isso é necessário que alguém comece a trazer os nomes certos para os animais. A pensar sobretudo nos jovens estudantes, é muito importante que façamos essa mudança e corrigirmos esse desvio.”

Já na parte final deixou o propósito da obra: “Queria fazer este livro para os jovens. Alguma coisa prática que não fosse complicado de ler, mas que desse uma indicação um pouco mais localizada, onde podemos encontrar determinados animais aqui no país. Queria que esta geração tivesse uma sensibilidade diferente em relação aos animais.”